



REFLEXÕES SOBRE A LEGITIMIDADE DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Anilde Tombolato Tavares da Silva¹
Jaqueline Delgado Paschoal²
Marta Regina Furlan de Oliveira³

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de apontar a legitimidade do estágio em educação infantil e sua contribuição na formação do Pedagogo, bem como o diálogo entre a universidade e os campos de estágio. Partindo da premissa de que a dimensão prática deve ser considerada na formação inicial de professores, entendemos que o Estágio Supervisionado, se bem fundamentado, estruturado e orientado, configura-se como um momento relevante na formação prática dos futuros professores-pedagogos. Dessa forma, o presente artigo apresenta algumas reflexões sobre a legitimidade dessa atividade, oriundas de uma investigação qualitativa e sua importância na formação teórico-metodológica dos alunos. A partir da interpretação de diferentes autores que discutem essa temática, compreendemos a prática enquanto práxis, uma vez que, permeada por um processo de reflexão, ela pode ser construída e reconstruída, objetivando a transformação da realidade e do cotidiano da escola infantil. Sendo assim, evidenciamos, nos relatórios apresentados e nos discursos dos alunos, as aprendizagens práticas fundamentadas por meio da teoria, construídas durante a permanência no espaço escolar. A partir dessas reflexões far-se-á necessário ressignificar o papel social e pedagógico do estágio supervisionado em educação infantil, centrado na relevância da formação prática e na articulação e diálogo entre todas as disciplinas do curso de Pedagogia.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio Supervisionado, Educação Infantil, Curso de Pedagogia. Formação docente.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita -Faculdade de Ciências e Letras de Marília. Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina- UEL. Atuante na Área de Formação de Professores para Educação Infantil do Curso de Pedagogia.

²Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina- UEL. Atuante na Área de Formação de Professores para Educação Infantil do Curso de Pedagogia.

³Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Atuante na Área de Formação de Professores para Educação Infantil do Curso de Pedagogia.

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Ao propor esta reflexão acerca da legitimidade do estágio em educação infantil e sua contribuição na formação do pedagogo nos preocupamos com a própria relação da universidade e os campos de estágio, a fim de que um trabalho pautado no diálogo aconteça significativamente.

Nesse sentido, duas questões são pertinentes: 1) Existe a possibilidade concreta de se efetivar um intercâmbio entre a universidade e a educação infantil por meio do estágio supervisionado no Curso de Pedagogia, onde tanto a escola quanto a universidade estariam se beneficiando nessa relação? 2) É possível que o estagiário em busca de uma formação comprometida com a prática emancipatória na educação infantil seja, além de aprendiz nesse espaço, também um mediador em além de sua formação inicial seja capaz de propiciar formação continuada dos professores atuantes nos campos de estágio?

Com o objetivo de responder à essas indagações procuramos refletir sobre o estágio supervisionado em educação infantil e sua materialização no campo da formação de pedagogos, tecendo um olhar crítico sobre a sua importância na formação inicial dos alunos e, também no despertar de novas possibilidades no campo de estágio a que se refere as escolas infantis.

Ao buscarmos respaldo legal a partir das políticas públicas para a infância, verificamos que no campo do discurso, estamos nos emancipando legalmente desde a década de noventa, quando a sociedade brasileira começa a avançar no que diz respeito ao reconhecimento da criança cidadã, sujeito de direitos. Isto quer dizer que desde a mais tenra idade, essa tem o direito de receber uma educação que promova seu desenvolvimento integral em um espaço educacional mais amplo. Para tanto, as escolas infantis devem prioritariamente, oferecer-lhe um profissional altamente qualificado para concretizar seu objetivo principal que é mediar o processo de construção de conhecimentos e habilidades, enriquecendo suas diferentes linguagens.

Pensar na formação do profissional que vai atuar com essa faixa etária, requer, portanto, um olhar cuidadoso, pois de acordo com Cerisara (2002) tentar traçar o perfil das professoras da infância, significa considerá-las em seu contexto sócio-cultural, incluindo também a existência de contradições sociais como as oposições de gênero, raça, idade e classe social. Para essa autora, considerar o papel de gênero na

constituição dessa profissão significa compreender “[...] que o conceito de gênero está presente não só na experiência doméstica, mas em todos os sistemas econômicos, políticos ou de poder” (CERISARA, 2002, p. 30).

Abordar o caráter social das relações de gênero significa ressaltar que essa questão não está somente associada a uma categoria biológica, mas também a uma categoria histórica.

O fazer-se homem ou mulher não é um dado resolvido no nascimento, pelas características biológicas de cada um, mas construído por meio de práticas sociais masculinizantes ou feminilizantes, de acordo com as diferentes concepções presentes em cada sociedade (CERISARA, 2002, p.31).

Essa autora encontrou em sua pesquisa um processo de identificação profissional fortemente vinculado à construção do gênero, refletindo sobre os papéis que nossa sociedade considera como de responsabilidade da mulher, sobretudo no que diz respeito à opção pela carreira no magistério. Assim, enfatiza que as relações entre a vida pessoal e o trabalho na creche, constituem-se como diferentes cenários em que se desenvolvem ações de cuidado e de educação de crianças. Daí a pertinência de se pensar a construção da identidade profissional dos acadêmicos, já no início do curso de formação inicial, tomando o estágio curricular como eixo norteador nessa caminhada.

Este artigo tem como objetivo, portanto, destacar a relevância do estágio em educação infantil para uma formação de mais qualidade do Pedagogo, pois como resalta Ostetto (2000) é possível fazer desse um momento de encontro entre alunos em formação e professores que estão atuando e, no processo, experimentam uma verdadeira formação em serviço. Para essa autora é fundamental conhecer o cotidiano das escolas infantis no sentido de buscar o diálogo e a compreensão dos inúmeros desafios impostos frente a complexidade na organização do trabalho pedagógico do professor.

Apesar do consenso sobre a importância de uma formação de qualidade do Pedagogo que vai atuar nos diferentes níveis e modalidades de ensino, nem sempre esse pensar se materializa na Grade Curricular do Curso em questão. Isto quer dizer que na prática, ainda assistimos uma sobreposição de determinadas áreas do conhecimento em detrimento de outras.

O estágio, por exemplo, sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de professores, em contraposição à teoria. Assim, alocado somente no final

do curso, o mesmo torna-se invisível por não articular-se aos demais campos do conhecimento. Na realidade, não podemos pensá-lo desvinculado das demais disciplinas, nem considerá-lo “salvador do curso”, pelo contrário ele é tão importante e deveria se constituir o elemento articulador de todas elas. Infelizmente, o que se pode observar na grade curricular dos Cursos de formação de professores, “[...] uma teoria colocada no começo dos cursos e uma prática colocada no final (PICONEZ, 2001, p.17).

Observando a realidade de muitos cursos de formação de professores no Brasil nos deparamos com um obstáculo relevante que é a dissociação explícita entre a teoria e a prática nas grades curriculares dos mesmos. Este reducionismo dos estágios na perspectiva de uma prática instrumental à docência expõe problemas na formação profissional, na medida em que empobrece a ação docente nas escolas.

Essa preocupação é destacada por Kishimoto (2002) ao tratar dos avanços e retrocessos na formação de profissionais de educação infantil. Um dos problemas encontrados diz respeito à falta de clareza sobre o perfil profissional daqueles que vão atuar junto à criança pequena. A crítica mais comum está na natureza disciplinar do currículo, pois os conteúdos são organizados em campos disciplinares, dificultando qualquer possibilidade de reformas. A autora ressalta que a formação profissional no interior das universidades tem reproduzido práticas em que os professores se organizam em campos disciplinares; “[...] criam-se tradições, feudos e priorizam determinados campos de conhecimento em detrimento de outros: em uns, saberes históricos e filosóficos, sociológicos e antropológicos ou organizacionais entre outros” (KISHIMOTO, 2002, p. 108).

Do ponto de vista prático, não é possível levar a futura professora a compreender que a criança pequena aprende de modo integrado, uma vez que os cursos propostos são fragmentados e apresentam seus conteúdos por meio de disciplinas que não dialogam entre si, segundo a autora supracitada. Sobre o papel do estágio, esclarece que o mesmo se torna um entrave para uma formação de qualidade, uma vez que a “[...] tradição verbalista dos cursos de formação, coloca o aluno em contato com livros, mas pouco se vai à realidade, às escolas, para observar e aprender no contexto como se processa a relação ensino e aprendizagem” (KISHIMOTO, 2002, p.109).

Desta maneira uma reflexão dialética sobre o que é ser professor, se faz necessária, considerando que para trilhar este caminho é preciso exercitar a profissão, conhecer a realidade de uma escola infantil e de sua organização pedagógica; saber conduzir os acontecimentos que ocorrem no seu interior, saber lidar com as

especificidades da criança pequena e as incertezas e diversidades que acontecem neste espaço.

Reconhecemos que o estágio é uma experiência fundamental e também uma tarefa complexa, haja vista que o mesmo pode se configurar num lugar de reflexão onde podem ser tecidos “[...] os fundamentos e as bases identitárias da profissão docente; mas também, um espaço distanciado da teoria que o fundamenta (PIMENTA, 2004, p. 62). Não podemos nos furtar de pensar que este período guarda para o estudante, momentos de visível angústia, incerteza, questionamento e insegurança, já que ele terá a responsabilidade de lidar diretamente com crianças pequenas, sem ter convicção se os conhecimentos adquiridos ao longo do Curso lhe ofereceram suporte teórico e metodológico para dar conta da tarefa.

A formação de professores é dinâmica, já que está em constante movimento e desenvolvimento, sobretudo por levar em conta as experiências já vividas pelos acadêmicos no decorrer dessa jornada inicial. Em seu bojo, está contida a reflexão, que não é mecânica, uma vez que leva em consideração aspectos sociais, econômicos, culturais e ideológicos na sociedade contemporânea. Por meio do estágio o futuro profissional reelabora seus conhecimentos, aliando teoria e prática, contribuindo para um novo olhar acerca do espaço educacional. Como consequência dessa reflexão, deriva-se a metodologia no estágio, a partir dos próprios professores e seus saberes. A metodologia, baseada nos saberes dos professores, poderá ser montada após ele refletir: *“o que fazer? o que significa isso? como me tornei assim? como posso modificar?”,* dentre outras.”

Pensando nestas questões é evidente que há a necessidade de um trabalho no Curso de Pedagogia em que os alunos possam relacionar de forma dialética a teoria e a prática, buscando a transformação; elaborando conjuntamente a proposta de trabalho; de forma a restabelecer a importância do estágio na formação do professor e pedagogo. Nesse sentido, Pimenta (2001) afirma que corresponder as reais necessidades apresentadas pelo cotidiano escolar infantil contemporâneo é um desafio que se coloca a qualquer atividade profissional docente que, atualmente, ultrapassa a prática de aplicar uma teoria aprendida ou repetir procedimentos e/ou metodologias utilizadas em outros contextos anteriores.

A autora complementa sua preocupação ao tratar da formação dos professores de educação infantil, quando há uma distância entre os processos de formação inicial dos professores e a realidade encontrada nos centros de educação infantil. Uma das questões

que mais nos choca no trabalho pedagógico a partir dos fundamentos de Pimenta (2001) é que a teoria refletida e estudada nas Universidades e a prática desenvolvida no ambiente profissional, com a dicotomia entre a teoria e prática. Nesse sentido, para a autora a formação docente não se constrói apenas por acumulação de cursos, de conhecimento ou de técnicas, mas por meio de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de uma (re)construção permanente de uma identidade pessoal (PIMENTA, 2002).

Como um tempo de construção na formação inicial do Pedagogo, dentro da idéia que nos traz Fazenda (2001), em que o real papel de uma teoria é ser suficientemente necessária a fim de ser investigadora e esclarecedora, auxiliando não apenas na formação do sujeito como educador, mas também na construção de sua identidade de educador, a qual está diretamente relacionada com a busca da identidade individual e consequentemente encaminha-se para a busca da identidade coletiva.

Desta maneira a Universidade, enquanto local de produção do conhecimento e pesquisa, pode contribuir no sentido de identificar não só as falhas advindas na organização desses cursos, mas também a própria concepção dos formadores de professores sobre educação, formação humana e profissional, escola e trabalho coletivo, considerando que essa instituição é por excelência um espaço de reflexão e pensamento crítico.

O DESAFIO DO ESTÁGIO COMO DIÁLOGO PERMANENTE ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Atualmente, a educação brasileira vem sendo elemento de crescente atenção da mídia e até responsabilizada pelas mazelas da formação da cidadania das nossas crianças. Assim também, os professores vêm sendo responsabilizados pelo fracasso escolar dos alunos nos sistemas públicos de ensino num discurso recorrente que aponta sua incompetência. O discurso reiterado que aponta da escola elementar como incapaz e incompetente atravessa séculos e implica diretamente as instituições formadoras e exige delas uma revisão e renovação do acervo dos conhecimentos sobre a escola e a sala de aula nos contextos em que se cruzam as políticas públicas em geral e as políticas educacionais em particular com as condições de vida das populações.

O desafio que se coloca é o de pensar o modelo de formação prática do Pedagogo que vai atuar na educação Infantil, pois a concepção de aprendizagem prática

que supõe uma vivência capaz de desvendar o “como ensinar com êxito” resistiu entre nós, pelo menos enquanto expectativa, transformando muitas vezes o estágio curricular em fonte de frustração para os estudantes ao se depararem com a realidade da profissão, as práticas docentes efetivas e as condições de funcionamento das escolas. O estágio curricular assumiu mais a posição da crítica pela crítica sobre o trabalho do professores do que um espaço de observação curiosa e criteriosa, do olhar que interroga a realidade para conhecer a complexidade que se esconde sob o que é imediatamente visível. Nesta perspectiva o estágio por longos anos ficou reduzido à *hora da prática*, ao “como fazer”, das receitas prontas e milagrosas de técnicas empregadas em sala de aula.

Na contramão desse processo, reafirmamos que formar o Pedagogo não se resume em dotá-lo de uma produção de conhecimentos, habilidades e competências, mas capacitá-lo a compreender, investigar durante suas práticas e refletir sobre o cotidiano do contexto escolar, tornando-o real e o mais próximo ao que considera ideal. Nossa pretensão é formar o Pedagogo para atuar na educação infantil tendo o compromisso com o exercício de um aprendizado longo, incontestável e que exige um tempo contínuo de maturação, onde cada dia se caminha a passos por vezes acanhados, mas importantes e significativos, tanto para a vida acadêmica do estudante, dos professores que já atuam na área, quanto para a própria instituição escolar onde se exercita a profissão de ser professor.

Nesse sentido o estágio deve contribuir para a formação de um profissional crítico, reflexivo, que tenha compromisso com sua aprendizagem e com o aperfeiçoamento contínuo e permanente de sua prática docente por meio de um olhar investigativo. Na deliberação do Conselho Nacional de Educação, o estágio se define como:

Um tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em um lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário [...] é o momento de efetivar um processo de ensino/aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário. (BRASIL, 2001).

O tempo de formação para a docência não deve ser um tempo quieto, passivo, nem tarefeiro, mas um tempo de construção ativa, significativa e reflexiva onde se tece a

formação e sua práxis. Uma construção de conhecimentos como tarefa de cada sujeito envolvido na educação na construção de si mesmo, de sua identidade e, portanto, num processo que está constantemente sendo formado e se formando; uma tarefa que nunca deve ser solitária, mas construída pela coletividade.

Para Pimenta & Lima (2004, p. 41) “[...] de acordo com o conceito de ação docente, a profissão de educador é uma prática social.” Assim, como qualquer outra, exige que o profissional, ou seja, o professor intervenha na realidade social, que no caso é por meio da educação que ocorre não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino. Provando que a formação docente exige uma relação dialética entre prática e ação e, neste sentido estágio deve ser considerada teoria e prática e não teoria ou prática.

O papel da teoria é o de clarear e instrumentalizar as análises e a investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo colocar elas próprias na berlinda, uma vez que as teorias são sempre explicações provisórias da realidade. Teoria deve alimentar a prática, assim como a prática deve subsidiar a teoria.

O estágio curricular, concebido como espaço privilegiado de articulação entre teoria e prática é um duplo desafio: por um lado, exigem uma revisão dos formatos, garantindo o tempo e as condições adequadas para o contato qualificado dos estudantes com professores e escolas; por outro, exigem interrogar o grau de interação existente entre as instituições formadoras e as instituições estagiadas, a capacidade de diálogo entre saberes destas duas instituições e entre os profissionais que nelas atuam. Desta maneira, o mesmo consiste em dar significação às experiências, contribuindo para uma tomada de consciência individual e coletiva, uma vez que as atividades são de extrema importância para a formação do professor da pequena infância.

Considerando que a escola é sempre o ponto de partida e de chegada nos estágios e nas ações de formação de professores, cabe afirmar que os estagiários devem ter a possibilidade de experimentar e construir seu papel de professor-pesquisador, colocando em prática sua capacidade de ler a realidade, detectar a necessidade, a reflexão, analisar o cotidiano, entre outras coisas. Assim, esses devem se colocar no lugar dos professores regentes da sala que estão observando nas escolas, não é uma situação fácil para os mesmos, pois se sentem como se estivessem sendo avaliados apenas nos aspectos negativos, sendo que esse não é o objetivo do estágio. Muitos

estagiários precisam também ter essa consciência e tirar de suas mentes esta “visão salvacionista”.

Com a observação do cotidiano das instituições a partir do estágio obrigatório, não se busca apontar o erro, mas construir possibilidades reais de acerto, na interação, na crítica transparente, na prática conjunta entre as partes. A formação do professor deve visar o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, cognitivo, psicológico, emocional, estético e social, buscando a integração com a família e comunidade escolar relacionada ao saber, ao saber fazer e ao saber explicar o fazer.

Legitimamos a importância do estágio supervisionado na formação dos futuros professores, pois ao analisar as práticas educativas, o aluno constrói a sua própria prática, fazendo a necessária ligação entre teoria e prática educacional, interligando também o ensino e a realidade da instituição e o público atendido. É importante que na escola infantil, a criança seja respeitada; para que isso ocorra, ela deverá ter o direito de brincar, de ter um ambiente estimulante e seguro, deverá ser auxiliada na exploração de sua curiosidade e imaginação, deverá ser respeitada quanto a sua raça, cultura e religião, etc. Para que isso se efetive, depende do profissional que trabalha neste ramo. Ele deverá ser qualificado e competente a ponto de conseguir coordenar o educar com o cuidar, no cotidiano escolar (OSTETO, 2000).

Sobre isso, Goulart (2002) ressalta que essa instituição é um lugar de brincar, correr, pular, alegrar-se e ficar triste, desenhar, aprender a interagir e a usar os instrumentos culturais básicos em nossa cultura e acima de tudo possibilitar as crianças o conhecimento de si próprio e do mundo que as cercam. Para essa autora, “[...] é nessa comunidade educativa que terão chances de ampliar sua visão de mundo para além das fronteiras do cotidiano da família, seu bairro, sua comunidade” (GOULART, 2002 p.52).

Todas as crianças têm o direito à convivência sadia com outras crianças e com adultos, num ambiente rico em estimulações e descobertas. Desta maneira as professoras que trabalham com a criança pequena, devem estar disponíveis para um encontro especial com todos os que chegam à instituição. Daí a importância da escolha pessoal, pelo trabalho com essa faixa etária.

O cotidiano da educação infantil é um ambiente complexo, já que relações econômicas, sociais, institucionais e educacionais estão presentes, o que faz com que ser professor, nessa primeira etapa da educação básica, não seja considerado uma tarefa medíocre e sem intenções pedagógicas. Por isso a importância do estágio curricular

enquanto campo do conhecimento, já que é por meio dele que o aluno vivência o seu fazer diário docente junto às crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado em Educação Infantil é de suma importância no processo de formação inicial e continuada de professores. Por meio do estágio é possível, a partir de parâmetros de diálogo entre teoria e prática, construir um tempo e espaço de aprendizagens significativas no processo de formação prática de professores, em que articulado com as disciplinas teóricas desenvolvidas nos cursos de formação nas Universidades, o estágio, também, apresenta-se como responsável por tal construção que possa contribuir com o fazer profissional do futuro professor-pedagogo.

Algumas limitações também são encontradas nesse percurso. Contudo, elas são assumidas com o compromisso de serem minimizadas sempre mais. Podemos evidenciar a dificuldade que ainda encontramos para estabelecer o pleno diálogo entre as disciplinas do curso, em função dessa formação prática; a realidade de muitos alunos que não encontram em sua rotina um espaço de tempo adequado para a realização do estágio; e, em algumas escolas, a dificuldade de estabelecer uma relação de companheirismo entre o professor-estagiário e o professor-profissional.

Diante disso, é necessário reconhecermos a grande responsabilidade das escolas-campo e dos profissionais da docência na formação prática dos futuros professores, afirmando, segundo Freire (2001), que os saberes possíveis de serem construídos no estágio estão diretamente vinculados à atuação profissional do professor que, além de *saber*, numa dimensão mais teórica, precisa aprender a *fazer* e analisar esse *saber fazer* para que sua prática profissional seja sempre transformada.

Contudo, destacamos que a “qualidade” dessa aprendizagem prática está diretamente vinculada à concepção de prática e de estágio que se instaura nos cursos de formação inicial de professores. Portanto, procuramos compreender o estágio enquanto emancipação profissional, segundo Freire (2001), uma vez que, essa dimensão valoriza os processos de desenvolvimento pessoal e cognitivo das pessoas envolvidas na relação de ensino e de aprendizagem, considerando a necessidade de formar um profissional

reflexivo-crítico, que exercite a prática investigativa, objetivando a compreensão da realidade e a intervenção do professor em vista do desenvolvimento dos alunos

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica*, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Parecer CNE/CP 009/2001.

CERISARA, Ana Beatriz. **Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões da Nossa Época: v. 98).

FARIA, Ana Lúcia G. **Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da educação infantil**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002 (Coleção educação contemporânea).

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes et al. **A Prática e o Estágio Supervisionado**. Campinas. Papirus, 2001.

FREIRE, Ana Maria. **Concepções orientadoras do processo de aprendizagem do ensino nos estágios pedagógicos**. Colóquio: modelos e práticas de formação inicial de professores, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal, 2001. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/afreire.pdf>>. Acesso em: 12/3/2003.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Avanços e retrocessos na formação dos profissionais de educação infantil. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (org.) **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 107-115.

OSTETO, Luciana Esmeralda (org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Campinas: Papirus, 2000.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. *A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado: A aproximação das realidade escolar e a Prática da reflexão*. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes et al. **A Prática e o Estágio Supervisionado**. Campinas. Papirus, 2001. P. 15 – 38.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo, Ed. Cortez, 2004.